

O Livro dos Espíritos



Allan Kardec

**LIVRO II – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos
CAPÍTULO VII – Retorno à vida corporal**

Índice

Assunto	Origem	Página
I – Prelúdio do retorno	O Livro dos Espíritos	03
Justiça e necessidade da reencarnação	O Consolador	05
II – União da alma com o corpo	O Livro dos Espíritos	07
Prelúdio da volta do Espírito à Vida corporal	O Consolador	10
III – Faculdades morais e intelectuais	O Livro dos Espíritos	12
A marcha do progresso	O Consolador	13
IV – Influência do organismo	O Livro dos Espíritos	15
O Livro dos Espíritos	O Consolador	16
V – Idiotismo e loucura	O Livro dos Espíritos	18
O Céu e o inferno	O Consolador	20
VI – Da infância	O Livro dos Espíritos	22
A infância	O Consolador	24
VII – Simpatias e antipatias terrenas	O Livro dos Espíritos	26
Simpatias e antipatias espirituais	O Consolador	27
VIII – Esquecimento do passado	O Livro dos Espíritos	29
Por que esquecemos o passado	O Consolador	32

Livro segundo – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos

Capítulo VII – Retorno à vida corporal

I – PRELÚDIO DO RETORNO

330. Sabem os Espíritos em que época reencarnarão?

“Pressentem-na, como sucede ao cego que se aproxima do fogo. Sabem que têm de retomar um corpo, como sabeis que tendes de morrer um dia, mas ignoram quando isso se dará.” (166)

a)— Então, a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como a morte o é da vida corporal?

“Certamente; assim é.”

331. Todos os Espíritos se preocupam com a sua reencarnação?

“Muitos há que em tal coisa não pensam, que nem sequer a compreendem. Depende de estarem mais ou menos adiantados. Para alguns, a incerteza em que se acham do futuro que os aguarda constitui punição.”

332. Pode o Espírito apressar ou retardar o momento da sua reencarnação?

“Pode apressá-lo, atraindo-o por um desejo ardente. Pode igualmente distanciá-lo, recuando diante da prova, pois entre os Espíritos também há covardes e indiferentes. Nenhum, porém, assim procede impunemente, visto que sofre por isso, como aquele que recusa o remédio capaz de curá-lo.”

333. Se se considerasse bastante feliz, numa condição mediana entre os Espíritos errantes e, conseqüentemente, não ambicionasse elevar-se, poderia um Espírito prolongar indefinidamente esse estado?

“Indefinidamente, não. Cedo ou tarde, o Espírito sente a necessidade de progredir. Todos têm que se elevar; esse o destino de todos.”

334. Há predestinação na união da alma com tal ou tal corpo, ou só à última hora é feita a escolha do corpo que ela tomará?

“O Espírito é sempre, de antemão, designado. Tendo escolhido a prova a que queira submeter-se, pede para encarnar. Ora, Deus, que tudo sabe e vê, já antecipadamente sabia e vira que tal Espírito se uniria a tal corpo.”

335. Cabe ao Espírito a escolha do corpo em que encarne, ou somente a do gênero de vida que lhe sirva de prova?

“Pode também escolher o corpo, porquanto as imperfeições que este apresente ainda serão, para o Espírito, provas que lhe auxiliarão o progresso, se vencer os obstáculos que lhe oponha. Nem sempre, porém, lhe é permitida a escolha do seu invólucro corpóreo; mas, simplesmente, a faculdade de pedir que seja tal ou qual.”

a) — Poderia o Espírito recusar, à última hora, tomar o corpo por ele escolhido?

“Se recusasse, sofreria muito mais do que aquele que não tentasse prova alguma.”

336. Poderia dar-se não haver Espírito que aceitasse encarnar numa criança que houvesse de nascer?

“Deus a isso proveria. Quando uma criança tem que nascer vital, está predestinada sempre a ter uma alma. Nada se cria sem que à criação presida um desígnio.”

337. Pode a união do Espírito a determinado corpo ser imposta por Deus?

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VII)

“Certo, do mesmo modo que as diferentes provas, mormente quando ainda o Espírito não está apto a proceder a uma escolha com conhecimento de causa. Por expiação, pode o Espírito ser constrangido a se unir ao corpo de determinada criança que, pelo seu nascimento e pela posição que venha a ocupar no mundo, se lhe torne instrumento de castigo.”

338. Se acontecesse que muitos Espíritos se apresentassem para tomar determinado corpo destinado a nascer, que é o que decidiria sobre a qual deles pertenceria o corpo?

“Muitos podem pedi-lo; mas, em tal caso, Deus é quem julga qual o mais capaz de desempenhar a missão a que a criança se destina. Porém, como já eu disse, o Espírito é designado antes que soe o instante em que haja de unir-se ao corpo.”

339. No momento de encarnar, o Espírito sofre perturbação semelhante à que experimenta ao desencarnar?

“Muito maior e sobretudo mais longa. Pela morte, o Espírito sai da escravidão; pelo nascimento, entra para ela.”

340. É solene para o Espírito o instante da sua encarnação?

Pratica ele esse ato considerando-o grande e importante?

“Procede como o viajante que embarca para uma travessia perigosa e que não sabe se encontrará ou não a

morte nas ondas que se decide a afrontar.”

O viajante que embarca sabe a que perigo se lança, mas não sabe se naufragará. O mesmo se dá com o Espírito: conhece o gênero das provas a que se submete, mas não sabe se sucumbirá.

Assim como, para o Espírito, a morte do corpo é uma espécie de renascimento, a reencarnação é uma espécie de morte, ou antes, de exílio, de clausura. Ele deixa o mundo dos Espíritos pelo mundo corporal, como o homem deixa este mundo por aquele.

Sabe que reencarnará, como o homem sabe que morrerá. Mas, como este com relação à morte, o Espírito só no instante supremo, quando chegou o momento predestinado, tem consciência de que vai reencarnar. Então, qual do homem em agonia, dele se apodera a perturbação, que se prolonga até que a nova existência se ache positivamente encetada. À aproximação do momento de reencarnar, sente uma espécie de agonia.

341. Na incerteza em que se vê, quanto às eventualidades do seu triunfo nas provas que vai suportar na vida, tem o Espírito uma causa de ansiedade antes da sua encarnação?

“De ansiedade bem grande, pois que as provas da sua existência o retardarão ou farão avançar, conforme as suporte.”

342. No momento de reencarnar, o Espírito se acha acompanhado de outros Espíritos seus amigos, que vêm assistir à sua partida do mundo incorpóreo, como vêm recebê-lo quando para lá volta?

“Depende da esfera a que pertença. Se já está nas em que reina a afeição, os Espíritos que lhe querem o acompanham até ao último momento, animam e mesmo lhe seguem, muitas vezes, os passos pela vida em fora.”

343. Os que vemos, em sonho, que nos testemunham afeto e que se nos apresentam com desconhecidos semblantes, são alguma vez os Espíritos amigos que nos seguem os passos na vida?

“Muito frequentemente são eles que vos vêm visitar, como ides visitar um encarcerado.”

Renascimento e evolução

1. A alma, depois de residir temporariamente no Espaço, renasce na condição humana, trazendo consigo a herança, boa ou má, do seu passado. Reaparece então na cena terrestre para pagar as dívidas que contraiu, conquistar novas capacidades que facilitarão a sua ascensão e acelerar a marcha para a frente.

2. Não se pode compreender que o Espírito, destinado à perfeição, consiga realizar todo o seu progresso numa só existência física. Os próprios fatos do dia a dia rejeitam tal idéia. Devemos ver na pluralidade das vidas a condição necessária de sua educação e seu progresso. É à custa do próprio esforço, de suas lutas, de seus sofrimentos, que ele se redime de seu estado de ignorância e inferioridade e se eleva, de degrau em degrau, a caminho das inúmeras habitações do Universo. Somos assim, hoje, o resultado das experiências vividas no passado, como seremos, amanhã, o produto das nossas ações de agora.

3. Nem todas as almas têm a mesma idade, nem todas subiram com o mesmo passo seus estágios evolutivos. Um percorreram uma carreira imensa e aproximaram-se já do apogeu dos progressos terrestres; outras mal começam o seu ciclo de evolução no seio da humanidade. Estas são as almas jovens, emanadas há menos tempo do Foco Eterno. Chegadas à humanidade, tomarão lugar entre os povos selvagens ou entre as raças bárbaras que povoam os continentes atrasados, as regiões deserdadas do globo. E quando, afinal, penetram em nossas civilizações, ainda se deixam facilmente conhecer pela falta de desembaraço, de jeito, pela sua incapacidade para todas as coisas e, principalmente, pelas suas paixões violentas.

Objetivo das encarnações sucessivas

4. No encadeamento das nossas estações terrestres, continua a completar-se a obra grandiosa de nossa educação, a edificação de nossa individualidade, de nossa personalidade moral. É por essa razão que a alma tem de encarnar sucessivamente nos meios mais diversos, em todas as condições sociais. E passando alternadamente pelas provas da pobreza e da riqueza, pelas experiências de renúncia e de trabalho, é que ela irá compreendendo a transitoriedade dos bens materiais e desenvolvendo valores espirituais superiores.

5. São necessárias as existências de estudo, as missões de dedicação, de caridade, por vias das quais se ilustra a inteligência e o coração se enriquece com a aquisição de novas qualidades. Virão depois as existências de sacrifício pela família, pela pátria, pela humanidade, e ocorrerão, por certo, existências onde o orgulho e o egoísmo serão abafados através das provas dolorosas de resgate do passado de erros.

Reencarnação e ressurreição

6. A reencarnação ou palingenesia fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição. Só os saduceus (seita judia formada por volta do ano 248 a.C., cujo fundador foi Sadoc), cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. Os judeus criam que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam ressurreição o que o Espiritismo chama reencarnação. Ressurgir em um corpo que já se acha com seus elementos dispersos ou absorvidos é cientificamente impossível. Reencarnação é a volta do Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo formado especialmente para ele e que nada tem de comum com a antigo. A palavra ressurreição podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VII)

7. Quando Jesus disse a Nicodemos: “Em verdade, em verdade, digo-te: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”, ante a estranheza do senador dos judeus que não entendia como tal situação poderia ocorrer, Jesus replicou como que surpreendido: “Como pode isso fazer-se? Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. Mas, se não credes, quando vos falo das coisas da Terra, como me creeis, quando vos falo das coisas do céu?”(João, 3:1 a 12.) O Mestre quis mostrar, com tais palavras, que a reencarnação era um fato óbvio, natural, inerente à evolução do próprio homem.

Há muitas moradas na casa do Pai

8. Não encarnamos e reencarnamos apenas no planeta Terra, mas sim em diferentes mundos. As que aqui passamos não são as primeiras nem as últimas; são, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição, porque a encarnação nos diferentes mundos, guarda relação com o grau evolutivo desses mundos.

9. A constituição do perispírito está em função da natureza de cada mundo, passando por transformações sucessivas, tornando-se cada vez mais etéreo, até a depuração completa, que é a condição dos Espíritos puros.

10. A encarnação, tal como ocorre na Terra, observa-se também nos mundos inferiores. Nos mundos superiores, no entanto, onde imperam o sentimento de fraternidade, estando os seus habitantes livres das paixões grosseiras que ocorrem em mundos atrasados, os Espíritos gozam de uma encarnação bem mais feliz e nenhum temor têm da morte.

11. A duração da vida, nos diferentes mundos, guarda proporção com o grau de superioridade física e moral de cada um. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam. Quanto mais puro o Espírito, menos paixões a dominá-lo. É essa uma graça da Providência, que desse modo abrevia os sofrimentos das criaturas à medida que elas progredem.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 172 e 182.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. 4, itens 4, 16 e 24.)

Denis Léon, O problema do ser, do destino e da dor, (págs. 163, 165, 166 e 167.)

II – UNIÃO DA ALMA COM O CORPO

344. Em que momento a alma se une ao corpo?

“A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.”

345. É definitiva a união do Espírito com o corpo desde o momento da concepção? Durante esta primeira fase, poderia o Espírito renunciar a habitar o corpo que lhe está destinado?

“É definitiva a união, no sentido de que outro Espírito não poderia substituir o que está designado para aquele corpo. Mas, como os laços que ao corpo o prendem são ainda muito fracos, facilmente se rompem e podem romper-se por vontade do Espírito, se este recua diante da prova que escolheu. Em tal caso, porém, a criança não vinga.”

346. Que faz o Espírito, se o corpo que ele escolheu morre antes de se verificar o nascimento?

“Escolhe outro.”

a) — Qual a utilidade dessas mortes prematuras?

“Dão-lhes causa, as mais das vezes, as imperfeições da matéria.”

347. Que utilidade encontrará um Espírito na sua encarnação em um corpo que morre poucos dias depois de nascido?

“O ser não tem então consciência plena da sua existência.

Assim, a importância da morte é quase nenhuma.

Conforme já dissemos, o que há nesses casos de morte prematura é uma prova para os pais.”

348. Sabe o Espírito, previamente, que o corpo de sua escolha não tem probabilidade de viver?

“Sabe-o algumas vezes; mas, se nessa circunstância reside o motivo da escolha, isso significa que está fugindo à prova.”

349. Quando falha por qualquer causa a encarnação de um Espírito, é ela suprida imediatamente por outra existência?

“Nem sempre o é imediatamente. Faz-se mister dar ao Espírito tempo para proceder a nova escolha, a menos que a reencarnação imediata corresponda a anterior determinação.”

350. Uma vez unido ao corpo da criança e quando já lhe não é possível voltar atrás, sucede alguma vez deplorar o Espírito a escolha que fez?

“Perguntas se, como homem, se queixa da vida que tem? Se desejara que outra fosse ela? Sim. Se se arrepende da escolha que fez? Não, pois não sabe ter sido sua a escolha.

Depois de encarnado, não pode o Espírito lastimar uma escolha de que não tem consciência. Pode, entretanto, achar pesada demais a carga e considerá-la superior às suas forças. É quando isso acontece que recorre ao suicídio.”

351. No intervalo que medeia da concepção ao nascimento, goza o Espírito de todas as suas faculdades?

“Mais ou menos, conforme o ponto, em que se ache, dessa fase, porquanto ainda não está encarnado, mas apenas ligado. A partir do instante da concepção, começa o Espírito a ser tomado de perturbação, que o adverte de que lhe soou o momento de começar nova existência corpórea. Essa perturbação cresce de contínuo até ao nascimento.

Nesse intervalo, seu estado é quase idêntico ao de um Espírito encarnado durante o sono. À medida que a hora do nascimento se aproxima, suas idéias se apagam, assim como a lembrança

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VII)

do passado, do qual deixa de ter consciência na condição de homem, logo que entra na vida. Essa lembrança, porém, lhe volta pouco a pouco ao retornar ao estado de Espírito.”

352. Imediatamente ao nascer recobra o Espírito a plenitude das suas faculdades?

“Não, elas se desenvolvem gradualmente com os órgãos.

O Espírito se acha numa existência nova; preciso é que aprenda a servir-se dos instrumentos de que dispõe.

As idéias lhe voltam pouco a pouco, como a uma pessoa que desperta e se vê em situação diversa da que ocupava na véspera.”

353. Não sendo completa a união do Espírito ao corpo, não estando definitivamente consumada, senão depois do nascimento, poder-se-á considerar o feto como dotado de alma?

“O Espírito que o vai animar existe, de certo modo, fora dele. O feto não tem pois, propriamente falando, uma alma, visto que a encarnação está apenas em via de operar-se.

Achasse, entretanto, ligado à alma que virá a possuir.”

354. Como se explica a vida intrauterina?

“É a da planta que vegeta. A criança vive vida animal.

O homem tem a vida vegetal e a vida animal que, pelo seu nascimento, se completam com a vida espiritual.”

355. Há, de fato, como o indica a Ciência, crianças que já no seio materno não são vitais? Com que fim ocorre isso?

“Frequentemente isso se dá e Deus o permite como prova, quer para os pais do nascituro, quer para o Espírito designado a tomar lugar entre os vivos.”

356. Entre os natimortos alguns haverá que não tenham sido destinados à encarnação de Espíritos?

“Alguns há, efetivamente, a cujos corpos nunca nenhum Espírito esteve destinado. Nada tinha que se efetuar para eles. Tais crianças então só vêm por seus pais.”

a) — Pode chegar a termo de nascimento um ser dessa natureza?

“Algumas vezes; mas não vive.”

b) — Segue-se daí que toda criança que vive após o nascimento tem forçosamente encarnado em si um Espírito?

“Que seria ela, sé assim não acontecesse? Não seria um ser humano.”

357. Que consequências tem para o Espírito o aborto?

“É uma existência nulificada e que ele terá de recomeçar.”

358. Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?

“Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.”

359. Dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe dela, haverá crime em sacrificar-se a primeira para salvar a segunda?

“Preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VII)

360. Será racional ter-se para com um feto as mesmas atenções que se dispensam ao corpo de uma criança que viveu algum tempo?

“Vede em tudo isso a vontade e a obra de Deus. Não trateis, pois, desatenciosamente, coisas que deveis respeitar.

Por que não respeitar as obras da criação, algumas vezes incompletas por vontade do Criador? Tudo ocorre segundo os seus desígnios e ninguém é chamado para ser seu juiz.”

Prelúdio da volta do Espírito à vida corporal

A união da alma com o corpo começa na concepção

1. As encarnações e desencarnações são fases importantes e necessárias, que se alternam por uma imensidade de vezes na escalada evolutiva do Espírito. Do mesmo modo que, para o Espírito, a morte do corpo físico é uma espécie de renascimento, a reencarnação é uma espécie de morte, melhor dizendo, de exílio, de clausura. Ele deixa o mundo dos Espíritos pelo mundo corporal, como o homem deixa este mundo por aquele.

2. A união da alma com o corpo, ensina o Espiritismo, tem início na concepção, mas só se completa no nascimento. O invólucro fluídico é que liga o Espírito ao gérmen. Essa união vai-se adensando e tornando-se mais íntima, de momento a momento, até que se completa quando a criança vem à luz.

3. No período intercorrente, da concepção ao nascimento, a ação da força vital faz com que diminua o movimento vibratório do perispírito, até o momento em que, não atingindo o mínimo perceptível, o Espírito fica quase totalmente inconsciente. É dessa diminuição de amplitude do movimento fluídico, diz Gabriel Delanne, que resulta o esquecimento.

4. Quando o Espírito vai encarnar num corpo humano em via de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen, que o atrai por uma força irresistível desde o instante da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, esse laço se encurta. Sob a influência do princípio vital presente no gérmen, o perispírito se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, como se o Espírito, valendo-se do seu perispírito, se enraizasse no gérmen, a exemplo da planta que se enraíza no solo. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, está completa a união, e o ser nasce então para a vida exterior.

A reencarnação é um choque biológico apreciável

5. A partir do momento em que o Espírito é colhido no laço fluídico que o prende ao gérmen, ele entra em estado de perturbação que aumenta à medida que o laço se aperta, perdendo o Espírito, nos últimos momentos, toda a consciência de si próprio, de modo que jamais presencia o seu nascimento. Quando a criança respira, ele começa a recobrar as faculdades, que se desenvolvem à proporção que se formam e consolidam os órgãos que hão de lhes servir às manifestações.

6. André Luiz relata-nos, detalhadamente, o imenso carinho e os inúmeros cuidados que o Mundo Espiritual dedica ao processo reencarnatório. Na obra **Entre a Terra e o Céu**, o ministro Clarêncio, ao reportar-se à reencarnação de Júlio, fornece informações interessantes sobre a redução perispiritual.

7. Assevera então o amável ministro da colônia “Nosso Lar”: “A reencarnação, tanto quanto a desencarnação, é um choque biológico dos mais apreciáveis. Unido à matriz geradora do santuário materno, em busca de nova forma, o perispírito sofre a influência de fortes correntes eletromagnéticas, que lhe impõem a redução automática”. “Durante a gravidez de Zulmira, a mente de Júlio permanecerá associada à mente materna, influenciando, como é justo, a formação do embrião. Todo o cosmo celular do novo organismo estará impregnado pelas forças do pensamento enfermizo de nosso irmão que regressa ao mundo. Assim sendo, Júlio renascerá com as deficiências de que ainda é portador, embora favorecido pelo material genético que recolherá dos pais.”

8. Em outra obra de André Luiz, **Missionários da Luz**, deparamos também com preciosas informações a respeito da complexidade do trabalho realizado pelo Plano Espiritual, sempre que

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VII)

retorna ao mundo corporal um Espírito em resgate ou reajustamento de tarefas mal executadas em existência anterior.

Os processos de reencarnação diferem ao infinito

9. Tratando da programação reencarnatória de Segismundo, o orientador Alexandre disse a um amigo: “Já observei o gráfico referente ao organismo físico que o nosso amigo receberá de futuro, verificando, de perto, as imagens da moléstia do coração que ele sofrerá na idade madura, como consequência da falta cometida no passado. Segismundo experimentará grandes perturbações dos nervos cardíacos, mormente os nervos do tônus”. “Com exceção do tubo arterial, na parte a dilatar-se para o mecanismo do coração, tudo irá muito bem. Todos os genes poderão ser localizados com normalidade absoluta.”

10. Interessado no caso Segismundo, Alexandre aduziu, reportando-se aos seus futuros pais: “Voltaremos a vê-los no dia da ligação inicial de Segismundo à matéria física. Preciso cooperar, na ocasião, com os nossos amigos Construtores, aos quais pedi me apresentassem os mapas cromossômicos, referentemente aos serviços a serem encetados”.

11. De acordo com a obra citada, Segismundo já se encontrava então, desde a semana anterior, em processo de ligação fluídica direta com os futuros pais. À medida que se intensificava semelhante aproximação, ele ia perdendo os pontos de contato com os veículos que consolidou na esfera espiritual através da assimilação dos elementos peculiares àquele plano. Essa operação – explicou Alexandre – era necessária para que o perispírito do reencarnante pudesse retomar a plasticidade que lhe é característica e, por isso, no estágio em que ele se encontrava, o procedimento impunha-lhe sofrimentos.

12. Nem todos, porém, passam pelos sofrimentos que Segismundo experimentava. Os processos de reencarnação, tanto quanto os da morte física, diferem ao infinito, não existindo, a rigor, dois absolutamente iguais. Facilidades e dificuldades estão subordinadas a fatores numerosos, muitas vezes relativos ao estado consciencial dos próprios interessados no regresso à Crosta ou na libertação do veículo carnal. Existem Espíritos de grande elevação que, ao voltarem à carne, em apostolado de serviço e iluminação, quase dispensam o concurso dos companheiros dedicados a esse trabalho na esfera espiritual.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 339 e 340.)

Kardec Allan, A Gênese, (capítulo XI, itens 18 a 20.)

Delanne Gabriel, A Evolução Anímica, (pág. 192.)

Geley Gustavo, Resumo da Doutrina Espírita, (pág. 43.)

André Luiz, Entre a Terra e o Céu, (psicografia Chico Xavier), (pp. 179 e 183.)

André Luiz, Missionários da Luz, (psicografia Chico Xavier), (pp. 196, 210, 216 e 218.)

III – FACULDADES MORAIS E INTELECTUAIS

361. Qual a origem das qualidades morais, boas ou más, do homem?

“São as do Espírito nele encarnado. Quanto mais puro é esse Espírito, tanto mais propenso ao bem é o homem.”

a) — Seguir-se-á daí que o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito e o homem vicioso a de um Espírito mau?

“Sim, mas, dize antes que o homem vicioso é a encarnação de um Espírito imperfeito, pois, do contrário, poderias fazer crer na existência de Espíritos sempre maus, a que chamais demônios.”

362. Qual o carácter dos indivíduos em que encarnam Espíritos desassisados e levianos?

“São indivíduos estúrdios, maliciosos e, não raro, criaturas malfazejas.”

363. Têm os Espíritos paixões de que não partilhe a Humanidade?

“Não, que, de outro modo, vo-las teriam comunicado.”

364. O mesmo Espírito dá ao homem as qualidades morais e as da inteligência?

“Certamente e isso em virtude do grau de adiantamento a que se haja elevado. O homem não tem em si dois Espíritos.”

365. Por que é que alguns homens muito inteligentes, o que indica acharem-se encarnados neles Espíritos superiores, são ao mesmo tempo profundamente viciosos?

“É que não são ainda bastante puros os Espíritos encarnados nesses homens, que, então, e por isso, cedem à influência de outros Espíritos mais imperfeitos. O Espírito progride em insensível marcha ascendente, mas o progresso não se efetua simultaneamente em todos os sentidos. Durante um período da sua existência, ele se adianta em ciência; durante outro, em moralidade.”

366. Que se deve pensar da opinião dos que pretendem que as diferentes faculdades intelectuais e morais do homem resultam da encarnação, nele, de outros tantos Espíritos, diferentes entre si, cada um com uma aptidão especial?

“Refletindo, reconheceréis que é absurda. O Espírito tem que ter todas as aptidões. Para progredir, precisa de uma vontade única. Se o homem fosse um amálgama de Espíritos, essa vontade não existiria e ele careceria de individualidade, pois que, por sua morte, todos aqueles Espíritos formariam um bando de pássaros escapados da gaiola.

Queixa-se, amiúde, o homem de não compreender certas coisas e, no entanto, curioso é ver-se como multiplica as dificuldades, quando tem ao seu alcance explicações muito simples e naturais. Ainda neste caso tomam o efeito pela causa. Fazem, com relação à criatura humana, o que, com relação a Deus, faziam os pagãos, que acreditavam em tantos deuses quantos eram os fenômenos no Universo, se bem que as pessoas sensatas, com eles coexistentes, apenas viam em tais fenômenos efeitos provindos de uma causa única – Deus.”

O mundo físico e o mundo moral nos oferecem, a este respeito, vários pontos de semelhança. Enquanto se detiveram na aparência dos fenômenos, os cientistas acreditaram fosse múltipla a matéria. Hoje, compreende-se ser bem possível que tão variados fenômenos consistam apenas em modificações da matéria elementar única. As diversas faculdades são manifestações de uma mesma causa, que é a alma, ou do Espírito encarnado, e não de muitas almas, exatamente como os diferentes sons do órgão, os quais procedem todos do ar e não de tantas espécies de ar, quantos os sons. De semelhante sistema decorreria que, quando um homem perde ou adquire certas aptidões, certos pendores, isso significaria que outros tantos Espíritos teriam vindo habitá-lo ou o teriam deixado, o que o tornaria um ser múltiplo, sem individualidade e, conseqüentemente, sem responsabilidade. Acresce que o contradizem numerosíssimos exemplos de manifestações de Espíritos, em que estes provam suas personalidades e identidade.

A marcha do progresso

Há dois tipos de progresso: o intelectual e o moral

1. O progresso pode ser comparado ao amanhecer. Mesmo demorando aparentemente culmina por lograr êxito. A ignorância, travestida pela força e iludida pela falsa cultura, não poucas vezes se há levantado, objetivando criar embaraços ao desenvolvimento dos homens e dos povos.

2. Mas inevitavelmente o progresso chega, altera a face e a constituição do que encontra pela frente e desdobra recursos, fomentando a beleza, a tranquilidade e o conforto. Essa é a marcha do progresso, que erguerá, inexoravelmente, o homem do solo das imperfeições, em que ainda se detém, para a sua gloriosa destinação: a perfeição.

3. Há dois tipos de progresso: o intelectual e o moral. O homem desenvolve-se por si mesmo, naturalmente, mas nem todos progredem simultaneamente e do mesmo modo. Os mais adiantados auxiliam então o progresso dos outros, por meio do contato social.

Um indivíduo muito inteligente pode ser mau

4. O progresso moral nem sempre acompanha o progresso intelectual. Geralmente, os indivíduos e os povos adquirem maior progresso científico e só depois, e apenas lentamente, se moralizam.

5. Com o aumento do discernimento entre o bem e o mal, pelo desenvolvimento do livre-arbítrio, cresce no ser humano a noção de responsabilidade no pensar, no falar e no agir. É que o desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos.

6. O desenvolvimento intelectual não implica, pois, a necessidade do bem. Uma pessoa dotada de grande inteligência pode ser má. É o que ocorre com aqueles que têm vivido muito sem se melhorar: apenas sabem. É por isso que encontramos entre nações tecnicamente adiantadas tantas injustiças; falta-lhes a moralização dos seus integrantes.

7. Um fato indiscutível, ensina o Espiritismo, é que somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, restando as más paixões e fazendo com que entre os homens reinem a concórdia, a paz e a fraternidade.

Orgulho e egoísmo são os maiores obstáculos ao progresso

8. No Século 20 houve grandes avanços nos diversos campos do conhecimento, mas o progresso moral se acha ainda muito aquém do progresso intelectual a que chegou a Humanidade, daí porque prevalece em nossos dias uma ciência sem consciência, em que não poucas criaturas se valem de suas aquisições culturais apenas para a prática do mal.

9. Cedo ou tarde, porém, os resultados do mau uso do livre-arbítrio e da inteligência recairão sobre os homens, em obediência à lei de causa e efeito; então, trabalhados pela dor, eles ganharão experiências e entendimento para se equilibrarem e continuarem sua jornada evolutiva.

10. Os maiores obstáculos à marcha do progresso moral são, sem contestação, o orgulho e o egoísmo, enquanto o progresso intelectual se processa sempre.

Amor e conhecimento são as asas que levam à perfeição

11. Há quem pense que o progresso intelectual contribua para a exacerbação do egoísmo e do orgulho, desenvolvendo a ambição e o gosto das riquezas, que, a seu turno, incitam o homem a

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VII)

empreender esforços e pesquisas que esclarecem o seu Espírito e dão impulso ao progresso material da Humanidade.

12. Curta é, porém, a duração desse estado de coisas, que muda à medida que o homem compreende melhor que existe uma felicidade maior e infinitamente mais duradoura, além da que o gozo dos bens terrenos proporciona. Assim, do próprio mal acaba nascendo o bem, e o progresso moral culmina por suceder ao outro.

13. O amor e o conhecimento são as asas harmoniosas que levarão o homem à perfeição, uma meta que, apesar das paixões nefastas que ainda predominam em nossa natureza animal, será impossível de não ser alcançada, porque assim o quer o Criador.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 365, 751, 779, 780, 781, 782, 783, 784 e 785.)

Kardec Allan, A Gênese, (item 19.)

Calligaris Rodolfo, As Leis Morais, (pág. 120.)

Ângelis Joanna de, As Leis Morais da Vida, (psicografia Divaldo Franco), (item 37.)

Ângelis Joanna de, Estudos Espíritos, (psicografia Divaldo Franco), (pág.79.)

IV – INFLUÊNCIA DO ORGANISMO

367. Unindo-se ao corpo, o Espírito se identifica com a matéria?

“A matéria é apenas o envoltório do Espírito, como o vestuário o é do corpo. Unindo-se a este, o Espírito conserva os atributos da natureza espiritual.”

368. Após sua união com o corpo, exerce o Espírito, com liberdade plena, suas faculdades?

“O exercício das faculdades depende dos órgãos que lhes servem de instrumento. A grosseria da matéria as enfraquece.”

a) — Assim, o invólucro material é obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, como um vidro opaco o é à livre irradiação da luz?

“É, como vidro muito opaco.”

Pode-se comparar a ação que a matéria grosseira exerce sobre o Espírito à de um charco lodoso sobre um corpo nele mergulhado, ao qual tira a liberdade dos movimentos.

369. O livre exercício das faculdades da alma está subordinado ao desenvolvimento dos órgãos?

“Os órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da alma, manifestação que se acha subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição dos órgãos, como a excelência de um trabalho o está à da ferramenta própria à sua execução.”

370. Da influência dos órgãos se pode inferir a existência de uma relação entre o desenvolvimento dos do cérebro e o das faculdades morais e intelectuais?

“Não confundais o efeito com a causa. O Espírito dispõe sempre das faculdades que lhe são próprias. Ora, não são os órgãos que dão as faculdades, e sim estas que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos.”

a) — Dever-se-á deduzir daí que a diversidade das aptidões entre os homens deriva unicamente do estado do Espírito?

“O termo — unicamente — não exprime com toda a exatidão o que ocorre. O princípio dessa diversidade reside nas qualidades do Espírito, que pode ser mais ou menos adiantado. Cumpre, porém, se leve em conta a influência da matéria, que mais ou menos lhe cerceia o exercício de suas faculdades.”

Encarnando, traz o Espírito certas predisposições e, se se admitir que a cada uma corresponda no cérebro um órgão, o desenvolvimento desses órgãos será efeito e não causa. Se nos órgãos estivesse o princípio das faculdades, o homem seria máquina sem livre-arbítrio e sem a responsabilidade de seus atos.

Forçoso então fora admitir-se que os maiores gênios, os sábios, os poetas, os artistas, só o são porque o acaso lhes deu órgãos especiais, donde se seguiria que, sem esses órgãos, não teriam sido gênios e que, assim, o maior dos imbecis houvera podido ser um Newton, um Vergílio, ou um Rafael, desde que de certos órgãos se achassem providos. Ainda mais absurda se mostra semelhante hipótese, se a aplicarmos às qualidades morais. Efetivamente, segundo esse sistema, um Vicente de Paulo, se a Natureza o dotara de tal ou tal órgão, teria podido ser um celerado e o maior dos celerados não precisaria senão de um certo órgão para ser um Vicente de Paulo. Admita-se, ao contrário, que os órgãos especiais, dado existam, são consequentes, que se desenvolvem por efeito do exercício da faculdade, como os músculos por efeito do movimento, e a nenhuma conclusão irracional se chegará.

Sirvamo-nos de uma comparação, trivial à força de ser verdadeira.

Por alguns sinais fisionômicos se reconhece que um homem tem o vício da embriaguez. Serão esses sinais que fazem dele um ébrio, ou será a ebriedade que nele imprime aqueles sinais? Pode dizer-se que os órgãos recebem o cunho das faculdades.

190. Frequentemente, a morte de uma criança em tenra idade constitui uma prova para os pais. (L.E., 347)

191. Quando uma encarnação falha, por uma causa qualquer, o Espírito não se reencarna imediatamente: ele necessita de tempo para escolher de novo, a menos que a reencarnação instantânea decorra de uma determinação anterior. (L.E., 349)

192. O Espírito, uma vez encarnado, não pode lamentar a escolha por ele feita, porque disso não tem consciência, mas pode achar muito pesada a carga, e, se a considera acima de suas forças, é então que recorre ao suicídio. (L.E., 350)

193. No intervalo que vai da concepção ao nascimento, o Espírito goza mais ou menos de suas faculdades, porque não está ainda encarnado, mas ligado ao corpo. Desde o instante da concepção, a perturbação começa a envolvê-lo e vai crescendo até o nascimento. (L.E., 351)

194. Propriamente falando, o feto não possui uma alma, visto que a encarnação está apenas em via de se realizar, mas ele está ligado à alma que o animará. (L.E., 353)

195. Há crianças que, desde o ventre da mãe, não têm possibilidades de viver. Isso acontece com frequência, e Deus o permite como prova, seja para os pais, seja para o Espírito destinado a encarnar. (L.E., 355)

196. Há crianças natimortas que jamais tiveram um Espírito destinado aos seus corpos. É então somente pelos pais que elas nascem. (L.E., 356, 356-A e 356-B)

197. A matéria não é mais que o envoltório do Espírito, como a roupa é o envoltório do corpo. Ao se unir ao corpo, o Espírito conserva os atributos da natureza espiritual. O exercício das faculdades depende, porém, dos órgãos que lhe servem de instrumento. Os órgãos são os instrumentos de manifestação das faculdades da alma. (L.E., 367 a 370)

198. Nunca dissemos que os órgãos não exercem influência. Eles a exercem, e muito grande, sobre a manifestação das faculdades, mas não produzem as faculdades; eis aí a diferença. Um bom músico, com um mau instrumento, não fará boa música, o que não o impede de ser um bom músico. Há casos em que a matéria oferece uma tal resistência que as manifestações são entravadas ou desnaturadas, como na idiotia e na loucura. (L.E., 372-A)

199. O idiota, no estado de Espírito, tem, muito frequentemente, consciência do seu estado mental. Ele compreende, então, que as cadeias que entravam seu desenvolvimento são uma prova e uma expiação. (L.E., 374)

200. Na loucura, é o corpo que está desorganizado, não o Espírito, mas é preciso não esquecer que, da mesma maneira que o Espírito age sobre a matéria, esta reage sobre o Espírito numa certa medida, e que ele pode encontrar-se momentaneamente impressionado pelas alterações dos órgãos através dos quais se manifesta e recebe as impressões. Quando a loucura dura bastante, pode acontecer que a repetição dos mesmos atos acabe por exercer sobre o Espírito uma influência da qual ele não se livrará, senão depois de sua completa separação de toda impressão material. (L.E., 375 e 375-A)

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VII)

201. Muitas vezes, a loucura leva o indivíduo ao suicídio, porque, sofrendo pelo constrangimento a que está submetido e pela impotência para manifestar-se livremente, ele busca libertar-se por intermédio da morte. (L.E., 376)

202. Após a morte, o Espírito pode ressentir-se durante algum tempo da perturbação que o acometeu na vida corpórea, até que esteja completamente, desligado da matéria. (L.E., 377)

203. O Espírito que anima o corpo de uma criança pode ser mais desenvolvido do que o de um adulto, se ele mais progrediu, pois são apenas os órgãos imperfeitos que o impedem de se manifestar. Ele age de acordo com o instrumento de que se serve. (L.E., 379)

204. A perturbação que acompanha a encarnação não cessa subitamente com o nascimento da criança, e não se dissipa senão gradualmente, com o desenvolvimento dos órgãos. Assim, o Espírito pensa e age como uma criança, embora possa ser muito antigo como Espírito. É por isso que os sonhos de uma criança não têm o caráter do de um adulto; seu objeto é quase sempre pueril. (L.E., 380)

205. Com a morte do corpo, o Espírito da criança retoma a sua lucidez primitiva, mas somente quando a separação estiver completa, ou seja, quando deixar de existir qualquer liame entre o Espírito e o corpo. (L.E., 381)

V – IDIOTISMO E LOUCURA

371. Tem algum fundamento o pretender-se que a alma dos cretinos e dos idiotas é de natureza inferior?

“Nenhum. Eles trazem almas humanas, não raro mais inteligentes do que supondes, mas que sofrem da insuficiência dos meios de que dispõem para se comunicar, da mesma forma que o mudo sofre da impossibilidade de falar.”

372. Que objetivo visa a Providência criando seres desgraçados, como os cretinos e os idiotas?

“Os que habitam corpos de idiotas são Espíritos sujeitos a uma punição. Sofrem por efeito do constrangimento que experimentam e da impossibilidade em que estão de se manifestarem mediante órgãos não desenvolvidos ou desmantelados.”

a) — Não há, pois, fundamento para dizer-se que os órgãos nada influem sobre as faculdades?

“Nunca dissemos que os órgãos não têm influência.

Têm-na muito grande sobre a manifestação das faculdades, mas não são eles a origem destas. Aqui está a diferença.

Um músico excelente, com um instrumento defeituoso, não dará a ouvir boa música, o que não fará que deixe de ser bom músico.”

Importa se distinga o estado normal do estado patológico.

No primeiro, o moral vence os obstáculos que a matéria lhe opõe.

Há, porém, casos em que a matéria oferece tal resistência que as manifestações anímicas ficam obstadas ou desnaturadas, como nos de idiotismo e de loucura. São casos patológicos e, não gozando nesse estado a alma de toda a sua liberdade, a própria lei humana a isenta da responsabilidade de seus atos.

373. Qual será o mérito da existência de seres que, como os cretinos e os idiotas, não podendo fazer o bem nem o mal, se acham incapacitados de progredir?

“É uma expiação decorrente do abuso que fizeram de certas faculdades. É um estacionamento temporário.”

a) — Pode assim o corpo de um idiota conter um Espírito que tenha animado um homem de gênio em precedente existência?

“Certo. O gênio se torna por vezes um flagelo, quando dele abusa o homem.”

A superioridade moral nem sempre guarda proporção com a superioridade intelectual e os grandes gênios podem ter muito que expiar. Daí, frequentemente, lhes resulta uma existência inferior à que tiveram e uma causa de sofrimentos. Os embaraços que o Espírito encontra para suas manifestações se lhe assemelham às algemas que tolhem os movimentos a um homem vigoroso.

Pode dizer-se que os cretinos e os idiotas são estropiados do cérebro, como o coxo o é das pernas e dos olhos o cego.

374. Na condição de Espírito livre, tem o idiota consciência do seu estado mental?

“Frequentemente tem. Compreende que as cadeias que lhe obstam ao voo são prova e expiação.”

375. Qual, na loucura, a situação do Espírito?

“O Espírito, quando em liberdade, recebe diretamente suas impressões e diretamente exerce sua ação sobre a matéria. Encarnado, porém, ele se encontra em condições muito diversas e na contingência de só o fazer com o auxílio de órgãos especiais. Altere-se uma parte ou o conjunto de tais órgãos e eis que se lhe interrompem, no que destes dependam, a ação ou as impressões. Se perde os olhos, fica cego; se o ouvido, torna-se surdo, etc. Imagina agora que seja o órgão, que preside às manifestações da inteligência,

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VII)

o atacado ou modificado, parcial ou inteiramente, e fácil te será compreender que, só tendo o Espírito a seu serviço órgãos incompletos ou alterados, uma perturbação resultará de que ele, por si mesmo e no seu foro íntimo, tem perfeita consciência, mas cujo curso não lhe está nas mãos deter.”

a) — Então, o desorganizado é sempre o corpo e não o Espírito?

“Exatamente; mas, convém não perder de vista que, assim como o Espírito atua sobre a matéria, também esta reage sobre ele, dentro de certos limites, e que pode acontecer impressionar-se o Espírito temporariamente com a alteração dos órgãos pelos quais se manifesta e recebe as impressões. Pode mesmo suceder que, com a continuação, durando longo tempo a loucura, a repetição dos mesmos atos acabe por exercer sobre o Espírito uma influência, de que ele não se libertará senão depois de se haver libertado de toda impressão material.”

376. Por que razão a loucura leva o homem algumas vezes ao suicídio?

“O Espírito sofre pelo constrangimento em que se acha e pela impossibilidade em que se vê de manifestar-se livremente, donde o procurar na morte um meio de quebrar seus grilhões.”

377. Depois da morte, o Espírito do alienado se ressentido do desarranjo de suas faculdades?

“Pode ressentir-se, durante algum tempo após a morte, até que se desligue completamente da matéria, como o homem que desperta se ressentido, por algum tempo, da perturbação em que o lançara o sono.”

378. De que modo a alteração do cérebro reage sobre o Espírito depois da morte?

“Como uma recordação. Um peso oprime o Espírito e, como ele não teve a compreensão de tudo o que se passou durante a sua loucura, sempre se faz mister um certo tempo, a fim de se pôr ao corrente de tudo. Por isso é que, quanto mais durar a loucura no curso da vida terrena, tanto mais lhe durará a incerteza, o constrangimento, depois da morte. Liberto do corpo, o Espírito se ressentido, por certo tempo, da impressão dos laços que àquele o prendiam.”

259. Como a filha da Sra. B., de Bordéus, embora fosse espírita e médium, pedia sempre a Deus que suavizasse as cruéis provações que sua mãe experimentava, seu Guia a aconselhou a pedir simplesmente a fortaleza, a calma, a resignação para as suportar, dizendo-lhe o seguinte: “Nessa vida tudo tem sua razão de ser: não há um só dos vossos sofrimentos que não corresponda aos sofrimentos por vós causados; não há um só dos vossos excessos que não tenha por consequência uma privação; não há uma só lágrima a destilar dos olhos, que não seja destinada a lavar uma falta, um crime qualquer”.

(2a. Parte, cap. VIII, Um Sábio ambicioso.)

260. “A falta de resignação – acrescentou o Guia – esteriliza o sofrimento, que, por isso mesmo, teria de ser recommçado. Convém-lhe, pois, a coragem e a resignação, e o que se faz preciso é pedir a Deus e aos bons Espíritos que lha concedam.” Na sequência, ele explicou: “Tua mãe foi outrora um bom médico, vivendo num meio em que fácil se lhe tornava o bem-estar, e no qual lhe não faltaram dons nem homenagens. Sem ser filantrópico e, por conseguinte, sem visar o alívio dos seus irmãos, mas cioso da glória e fortuna, quis atingir o apogeu da Ciência, para aumentar a reputação e a clientela. E na consecução desse propósito não havia consideração que o detivesse”.

(2a. Parte, cap. VIII, Um Sábio ambicioso.)

261. O Guia informou então que a Sra. B. quando na condição de médico, fizera todo tipo de experiências com seus doentes, sem que os infelizes soubessem disso. Aos velhos, ele abreviava os dias e aos homens vigorosos, enfraquecia com ensaios e experimentos movidos unicamente por sua cupidez e orgulho, pois a sede de ouro e de renome foi o móvel de sua conduta. Foram precisos, assim, séculos de provações terríveis para domar esse Espírito ambicioso e cheio de orgulho, até que o arrependimento iniciasse a obra de sua regeneração. “Coragem, pois, porque se o castigo foi longo e cruel, grande será a recompensa à resignação, à paciência, à humildade”, concluiu o Mentor.

(2a. Parte, cap. VIII, Um Sábio ambicioso.)

262. O caso Carlos de Saint-G., um rapaz de 13 anos, cujas faculdades intelectuais eram nulas a ponto de não reconhecer os próprios pais, mal podendo tomar por si mesmo o alimento, mostrou a Kardec como pensam e agem os idiotas, a quem, de uma forma geral, chamamos hoje de excepcionais ou especiais.

(2a. Parte, cap. VIII, Carlos de Saint-G.)

263. Comentando o caso, ensina Kardec: “Esta evocação ratifica o que sempre se disse dos idiotas. A nulidade moral não importa nulidade do Espírito, que, com exceção dos órgãos, goza de todas as suas faculdades. A imperfeição dos órgãos é apenas um obstáculo à livre manifestação dos pensamentos. É, pois, o caso de um homem vigoroso, que fosse momentaneamente manietado”.

(2a. Parte, cap. VIII, Carlos de Saint-G.)

264. No final, o Codificador, aludindo a tais pessoas, lembra que aos parentes deles se oferece ocasião excepcional de exercer a caridade, tanto mais meritória quanto mais pesado lhes seja esse encargo, de nenhuma compensação material. “Há maior mérito – afirma Kardec – na cuidadosa assistência de um filho desgraçado do que na de um filho cujas qualidades ofereçam qualquer compensação. Sendo a caridade desinteressada uma das virtudes mais agradáveis a Deus, atrai sempre a sua bênção àqueles que a praticam. Esse sentimento inato e espontâneo

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VII)

vale por esta prece: Obrigado, meu Deus, por nos terdes dado um ser fraco a sustentar, um aflito a consolar.”

(2a. Parte, cap. VIII, Carlos de Saint-G.)

265. O caso Ana Bitter, moça ainda e filha única, cuja morte deixou seu pai desesperado, é bem expressivo. A enfermidade que acometeu Ana não lhe acarretava sofrimentos; ela era como que instrumento de provação do pai, que, ao vê-la enferma, sofria mais do que a filha. Ana era resignada, ele não o era. Ana orava, o pai maldizia. A consequência foi que, quando o pai também desencarnou, ele a buscou em vão, por toda a parte, no mundo espiritual. “Morrendo, julgava encontrá-la, mas nada!”, contou ele, posteriormente.(2a. Parte, cap. VIII, Ana Bitter)

266. O Guia do médium esclareceu que o pai de Ana não fora ateu, nem materialista, mas jamais se preocupara com Deus e o futuro espiritual, empolgado que era pelos interesses terrenos. Profundamente egoísta, tudo sacrificaria para salvar a filha, mas, sem o mínimo escrúpulo, sacrificaria também os interesses de terceiros em seu proveito pessoal. Como por ninguém se interessava, a não ser pela filha, Deus o puniu, arrebatando-lhe da Terra seu único consolo; e como ele não se arrependera, o sequestro subsistia no mundo espiritual. “Não se interessando por ninguém aí, também aqui ninguém por ele se interessa. Permanece só, insulado, abandonado, e nisso consiste a sua punição. Mas que faz ele nessas conjunturas? Dirige-se a Deus? Arrepende-se? Não: murmura, blasfema até, faz, em uma palavra, o que fazia na Terra”, acrescentou o Mentor.

(2a. Parte, cap. VIII, Ana Bitter)

VI – DA INFÂNCIA

379. É tão desenvolvido, quanto o de um adulto, o Espírito que anima o corpo de uma criança?
“Pode até ser mais, se mais progrediu. Apenas a imperfeição dos órgãos infantis o impede de se manifestar.

Obra de conformidade com o instrumento de que dispõe.”

380. Abstraindo do obstáculo que a imperfeição dos órgãos opõe à sua livre manifestação, o Espírito, numa criancinha, pensa como criança ou como adulto?

“Desde que se trate de uma criança, é claro que, não estando ainda nela desenvolvidos, não podem os órgãos da inteligência dar toda a intuição própria de um adulto ao Espírito que a anima. Este, pois, tem, efetivamente, limitada a inteligência, enquanto a idade lhe não amadurece a razão. A perturbação que o ato da encarnação produz no Espírito não cessa de súbito, por ocasião do nascimento.

Só gradualmente se dissipa, com o desenvolvimento dos órgãos.”

Há um fato de observação, que apoia esta resposta. Os sonhos, numa criança, não apresentam o caráter dos de um adulto.

Quase sempre pueril é o objeto dos sonhos infantis, o que indica de que natureza são as preocupações do respectivo Espírito.

381. Por morte da criança, readquire o Espírito, imediatamente, o seu precedente vigor?

“Assim tem que ser, pois que se vê desembaraçado de seu invólucro corporal. Entretanto, não readquire a anterior lucidez, senão quando se tenha completamente, separado daquele envoltório, isto é, quando mais nenhum laço exista entre ele e o corpo.”

382. Durante a infância sofre o Espírito encarnado, em consequência do constrangimento que a imperfeição dos órgãos lhe impõe?

“Não. Esse estado corresponde a uma necessidade, está na ordem da natureza e de acordo com as vistas da Providência.

É um período de repouso do Espírito.”

383. Qual, para este, a utilidade de passar pelo estado de infância?

“Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.”

384. Por que é o choro a primeira manifestação da criança ao nascer?

“Para estimular o interesse da genitora e provocar os cuidados de que há mister. Não é evidente que se suas manifestações fossem todas de alegria, quando ainda não sabe falar, pouco se inquietariam os que o cercam com os cuidados que lhe são indispensáveis? Admirai, pois, em tudo a sabedoria da Providência.”

385. Que é o que motiva a mudança que se opera no caráter do indivíduo em certa idade, especialmente ao sair da adolescência? É que o Espírito se modifica?

“É que o Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era.

Não conheceis o que a inocência das crianças, oculta.

Não sabeis o que elas são, nem o que o foram, nem o que serão. Contudo, afeição lhes tendes, as acariciais, como se fossem parcelas de vós mesmos, a tal ponto que se considera o amor que uma mãe consagra a seus filhos como o maior amor que um ser possa votar a outro. Onde nasce o meigo afeto, a terna benevolência que mesmo os estranhos sentem por uma criança? Sabeis? Não. Pois bem! Vou explicá-lo.

As crianças são os seres que Deus manda a novas existências.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VII)

Para que não lhes possam imputar excessiva severidade, dá-lhes ele todos os aspectos da inocência. Ainda quando se trata de uma criança de maus pendores, cobrem-se lhes as más ações com a capa da inconsciência.

Essa inocência não constitui superioridade real com relação ao que eram antes, não. É a imagem do que deveriam ser e, se não o são, o consequente castigo exclusivamente sobre elas recai.

Não foi, todavia, por elas somente que Deus lhes deu esse aspecto de inocência; foi também e sobretudo por seus pais, de cujo amor necessita a fraqueza que as caracteriza.

Ora, esse amor se enfraqueceria grandemente à vista de um caráter áspero e intratável, ao passo que, julgando seus filhos bons e dóceis, os pais lhes dedicam toda a afeição e os cercam dos mais minuciosos cuidados. Desde que, porém, os filhos não mais precisam da proteção e assistência que lhes foram dispensadas durante quinze ou vinte anos, surge-lhes o caráter real e individual em toda a nudez. Conservam-se bons, se eram fundamentalmente bons; mas, sempre irisados de matizes que a primeira infância manteve ocultos.

Como vedes, os processos de Deus são sempre os melhores e, quando se tem o coração puro, facilmente se lhes apreende a explicação.

Com efeito, ponderai que nos vossos lares possivelmente nascem crianças cujos Espíritos vêm de mundos onde contraíram hábitos diferentes dos vossos e dizei-me como poderiam estar no vosso meio esses seres, trazendo paixões diversas das que nutris, inclinações, gostos, inteiramente opostos aos vossos; como poderiam enfileirar-se entre vós, senão como Deus o determinou, isto é, passando pelo tamis da infância? Nesta se vêm confundir todas as idéias, todos os caracteres, todas as variedades de seres gerados pela infinidade dos mundos em que medram as criaturas. E vós mesmos, ao morrerdes, vos achareis num estado que é uma espécie de infância, entre novos irmãos.

Ao volverdes à existência extraterrena, ignorareis os hábitos, os costumes, as relações que se observam nesse mundo, para vós, novo. Manejareis com dificuldade uma linguagem que não estais acostumado a falar, linguagem mais vivaz do que o é agora o vosso pensamento. (319)

A infância ainda tem outra utilidade. Os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para se melhorarem.

A delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam

fazê-los progredir. Nessa fase é que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores. Tal o dever que Deus impôs aos pais, missão sagrada de que terão de dar contas.

Assim, portanto, a infância é não só útil, necessária, indispensável, mas também consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo.”

A Infância

A infância é uma fase de adaptação necessária ao reencarnante

1. A alma de uma criança pode ser mais evoluída do que a de um adulto; no entanto, sua inteligência – durante a fase da infância – não se manifesta plenamente porque seu organismo físico não está ainda suficientemente desenvolvido.

2. O estado de perturbação por que passa o Espírito no ato da encarnação só aos poucos vai cessando e se dissipa totalmente com o pleno desenvolvimento dos órgãos.

3. A infância é uma fase de adaptação necessária ao Espírito que retorna à existência corpórea. Existente nos diferentes mundos, ela é, porém, menos obtusa nos planetas mais adiantados.

4. Recém-saído do mundo espiritual, onde gozava de maior liberdade e dispunha de maiores recursos, o Espírito se vê, durante essa fase, em dificuldades para exprimir plenamente seus pensamentos e manifestar suas sensações.

Durante a infância o Espírito é mais acessível aos conselhos recebidos

5. Nessa fase da vida, em que o Espírito se vê limitado em sua liberdade, a infância é uma demonstração da misericórdia de Deus, que lhe propicia uma dupla vantagem:

·O Espírito ganha o tempo indispensável a fim de se preparar para as futuras e difíceis tarefas da nova existência corpórea.

·Pela fase que atravessa, revestido da simplicidade e da inocência comuns a todas as crianças, desperta nos pais e no núcleo a que pertence muita simpatia, interesse e boa vontade, o que facilitará o desempenho de suas tarefas no mundo.

6. Sabemos que, ao desenvolver-se, a criança apresentará, nos anos que se seguirem, as tendências e defeitos morais inerentes ao seu real adiantamento espiritual, mas este poderá, sem nenhuma dúvida, ser sensivelmente modificado pela influência recebida desde o berço, de seus pais e das pessoas incumbidas de educá-la.

7. Reencarnando sob a forma inicial de uma criança, o Espírito é mais acessível, durante esse período, às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os pais e as pessoas investidas dessa tarefa, cuja importância é enfatizada por Emmanuel no cap. CLI de seu livro “Caminho, Verdade e Vida”: “A juventude pode ser comparada a esperançosa saída de um barco para viagem importante.

A infância foi a preparação, a velhice será a chegada ao porto”.

“Todas as fases requisitam as lições dos marinheiros experientes, aprendendo-se a organizar e a terminar a viagem com êxito desejável.”

A pureza e a simplicidade da criança constituem o nosso objetivo

8. Como criança, o Espírito enverga temporariamente a túnica da inocência, um fato que atesta a bondade e a sabedoria de Deus, porque sua aparente inocência e fragilidade despertam o carinho e a simpatia dos adultos que o cercam, facilitando assim o processo de sua reeducação.

9. Esse estado de pureza e simplicidade é tão importante que o próprio Mestre o destacou numa conhecida passagem evangélica em que, aludindo a uma criança que dele se aproximara, declarou: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos Céus”.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VII)

10. O mais frio celerado há de lembrar um dia que também ele já foi criança, de aparência inocente e pura, e que de muito lhe valeria ter continuado a cultivar semelhantes virtudes, porquanto sem a aquisição delas, como ensinou Jesus, não teremos entrada no reino dos Céus.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 115-A, 183, 379 a 385.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (capítulo VIII, itens 1 a 4.)

Marcos, O Evangelho segundo Marcos, 10:14.

Mateus, O Evangelho segundo Mateus, 18:2-3.

Emmanuel, Caminho, Verdade e Vida, (psicografia Chico Xavier)

Espíritos Diversos, O Espírito da Verdade, (psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira), (pp. 136 e 137.)

VII – SIMPATIAS E ANTIPATIAS TERRENAS

386. Podem dois seres, que se conheceram e estimaram, encontrar-se noutra existência corporal e reconhecer-se?

“Reconhecer-se, não. Podem, porém, sentir-se atraídos um para o outro. E, frequentemente, diversa não é a causa de íntimas ligações fundadas em sincera afeição. Um do outro dois seres se aproximam devido a circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que na realidade resultam da atração de dois Espíritos, que se buscam reciprocamente por entre a multidão.”

a) — Não lhes seria mais agradável reconhecerem-se?

“Nem sempre. A recordação das passadas existências teria inconvenientes maiores do que imaginais. Depois de mortos, reconhecer-se-ão e saberão que tempo passaram juntos.” (392)

387. A simpatia tem sempre por princípio um anterior conhecimento?

“Não. Dois Espíritos, que se ligam bem, naturalmente se procuram um ao outro, sem que se tenham conhecido como homens.”

388. Os encontros, que costumam dar-se, de algumas pessoas e que comumente se atribuem ao acaso, não serão efeito de uma certa relação de simpatia?

“Entre os seres pensantes há ligação que ainda não conheceis. O magnetismo é o piloto desta ciência, que mais tarde compreenderéis melhor.”

389. E a repulsão instintiva que se experimenta por algumas pessoas, donde se origina?

“São Espíritos antipáticos que se adivinham e reconhecem, sem se falarem.”

390. A antipatia instintiva é sempre sinal de natureza má?

“De não simpatizarem um com o outro, não se segue que dois Espíritos sejam necessariamente maus. A antipatia, entre eles, pode derivar de diversidade no modo de pensar.

À proporção, porém, que se forem elevando, essa divergência irá desaparecendo e a antipatia deixará de existir.”

391. A antipatia entre duas pessoas nasce primeiro na que tem pior Espírito, ou na que o tem melhor?

“Numa e noutra indiferentemente, mas distintas são as causas e os efeitos nas duas. Um Espírito mau antipatiza com quem quer que o possa julgar e desmascarar. Ao ver pela primeira vez uma pessoa, logo sabe que vai ser censurado.

Seu afastamento dessa pessoa se transforma em ódio, em inveja e lhe inspira o desejo de praticar o mal. O bom Espírito sente repulsão pelo mau, por saber que este o não compreenderá e porque díspares dos dele são os seus sentimentos.

Entretanto, consciente da sua superioridade, não alimenta ódio, nem inveja contra o outro. Limita-se a evitá-lo e a lastimá-lo.”

Simpatias e antipatias espirituais

A afeição que une dois seres persiste na vida espiritual

1. Como seres inteligentes da Criação, os Espíritos cultivam entre si a simpatia geral determinada por suas próprias semelhanças. Além dessa simpatia de caráter geral, há ainda as afeições particulares, tal como se dá entre os homens.

2. Essa afeição particular decorre do princípio de afinidade, que resulta de uma “perfeita concordância de seus pendores e instintos”.

3. Assim como há simpatias entre os Espíritos, há também entre eles antipatias, alimentadas pelo ódio, que geram inimizades e dissensões. Esse sentimento só existe, porém, entre os Espíritos impuros, que não conseguiram vencer ainda, em si mesmos, o orgulho e o egoísmo. Como exercem influência junto aos homens, acabam estimulando nestes os desentendimentos e as discórdias, muito comuns na existência humana.

4. Desde que originada de verdadeira simpatia, a afeição que dois seres se consagram na Terra continua a existir no mundo espiritual.

Da discórdia é que nascem todos os males humanos

5. Sabemos que os Espíritos a quem fizemos mal neste mundo poderão perdoar-nos, se já forem bons e de acordo com nosso próprio arrependimento. Se, porém, forem maus, poderão guardar ressentimento e perseguir-nos até mesmo em outras existências.

6. Como ensinam os Espíritos superiores, é da discórdia que nascem todos os males humanos; da concórdia resulta a completa felicidade. É preciso, pois, que nos esforcemos por viver harmoniosamente com os nossos familiares, colegas e companheiros de trabalho.

7. Como um dos objetivos da encarnação é o de trabalharmos no sentido de nos melhorarmos interiormente e chegarmos à perfeição espiritual, compreendemos melhor a afirmação de Jesus quando nos disse: “Amai os vossos inimigos”, porquanto só há prejuízo para o Espírito que tenha inimigos por força do mal que haja praticado, uma vez que os inimigos são obstáculos em sua caminhada e essa inimizade gera infelicidade e atraso em seu progresso espiritual.

Só o amor pode quebrar o círculo vicioso do ódio

8. Admitindo-se, como ensina o Espiritismo, que a maldade não é um estado permanente dos homens, que ela decorre de uma imperfeição temporária e que, assim como a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau reconhecerá um dia os seus erros e se tornará bom, compreenderemos também que nossa meta maior é superar a maldade que existe em nós e nos outros.

9. Ora, só a manifestação de amor de nossa parte pode quebrar o círculo vicioso do ódio, que continua a existir, muitas vezes, mesmo depois da morte física.

10. O período mais propício a esse esforço é, sem dúvida, quando estamos juntos dos nossos inimigos, convivendo com eles, na condição de encarnados ou desencarnados, pois é quando temos as melhores oportunidades de testemunhar nossos propósitos, de cultivar a concórdia para com todos e, dessa forma, substituir os laços de ódio que nos ligam pelos laços de amor que passarão a nos unir.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VII)

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 298 e 301.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (capítulo 12, itens 5 e 6.)

VIII – ESQUECIMENTO DO PASSADO

392. Por que perde o Espírito encarnado a lembrança do seu passado?

“Não pode o homem, nem deve, saber tudo. Deus assim o quer em sua sabedoria. Sem o véu que lhe oculta, certas coisas, ficaria ofuscado, como quem, sem transição, saísse do escuro para o claro. Esquecido de seu passado ele é mais senhor de si.”

393. Como pode o homem ser responsável por atos e resgatar faltas de que se não lembra? Como pode aproveitar da experiência de vidas de que se esqueceu? Concebe-se que as tribulações da existência lhe servissem de lição, se se recordasse do que as tenha podido ocasionar.

Desde que, porém, disso não se recorda, cada existência é, para ele, como se fosse a primeira e eis que então está sempre a recommençar. Como conciliar isto com a justiça de Deus?

“Em cada nova existência, o homem dispõe de mais inteligência e melhor pode distinguir o bem do mal. Onde o seu mérito se se lembrasse de todo o passado? Quando o Espírito volta à vida anterior (a vida espírita), diante dos olhos se lhe estende toda a sua vida pretérita. Vê as faltas que cometeu e que deram causa ao seu sofrer, assim como de que modo as teria evitado. Reconhece justa a situação em que se acha e busca então uma existência capaz de reparar a que vem de transcorrer. Escolhe provas análogas às de que não soube aproveitar, ou as lutas que considere apropriadas ao seu adiantamento e pede a Espíritos que lhe são superiores que o ajudem na nova empresa que sobre si toma, ciente de que o Espírito, que lhe for dado por guia nessa outra existência, se esforçará pelo levar a reparar suas faltas, dando-lhe uma espécie de intuição das em que incorreu. Tendes essa intuição no pensamento, no desejo criminoso que frequentemente vos assalta e a que instintivamente resistis, atribuindo, as mais das vezes, essa resistência aos princípios que recebestes de vossos pais, quando é a voz da consciência que vos fala. Essa voz, que é a lembrança do passado, vos adverte para não recairdes nas faltas de que já vos fizestes culpados. Em a nova existência, se sofre com coragem aquelas provas e resiste, o Espírito se eleva e ascende na hierarquia dos Espíritos, ao voltar para o meio deles.”

Não temos, é certo, durante a vida corpórea, lembrança exata do que fomos e do que fizemos em anteriores existências; mas temos de tudo isso a intuição, sendo as nossas tendências instintivas uma reminiscência do passado. E a nossa consciência, que é o desejo que experimentamos de não reincidir nas faltas já cometidas, nos concita à resistência àqueles pendoros.

394. Nos mundos mais elevados do que a Terra, onde os que os habitam não se vêem premiados pelas necessidades físicas, pelas enfermidades que nos afligem, os homens compreendem que são mais felizes do que nós?

Relativa é, em geral, a felicidade. Sentimo-la, mediante comparação com um estado menos ditoso. Visto que, em suma, alguns desses mundos, se bem melhores do que o nosso, ainda não atingiram o estado de perfeição, seus habitantes devem ter motivos de desgostos, embora de gênero diverso dos nossos. Entre nós, o rico, conquanto não sofra as angústias das necessidades materiais, como o pobre, nem por isso se acha isento de tribulações, que lhe tornam amarga a vida. Pergunto então: Na situação em que se encontram, os habitantes desses mundos não se consideram tão infelizes quanto nós, na em que nos vemos, e não se lastimam da sorte, olvidados de existências inferiores que lhes sirvam de termos de comparação?

“Cabem aqui duas respostas distintas. Há mundos, entre os de que falas, cujos habitantes guardam lembrança clara e exata de suas existências passadas. Esses, compreendes, podem e sabem apreciar a felicidade de que Deus lhes permite fruir. Outros há, porém, cujos habitantes, achando-se, como dizes, em melhores condições do que vós na Terra, não deixam de experimentar grandes desgostos, até desgraças. Esses não apreciam a felicidade de que gozam, pela razão mesma de se não recordarem de um estado mais infeliz. Entretanto, se não a apreciam como homens, apreciam-na como Espíritos.”

No esquecimento das existências anteriormente transcorridas, sobretudo quando foram amarguradas, não há, qualquer coisa de providencial e que revela a sabedoria divina? Nos

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VII)

mundos superiores, quando o recordá-las já não constitui pesadelo, é que as vidas desgraçadas se apresentam à memória. Nos mundos inferiores, a lembrança de todas as que se tenham sofrido não agravaria as infelicidades presentes? Concluamos, pois, daí que tudo o que Deus fez é perfeito e que não nos toca criticar-lhe as obras, nem lhe ensinar como deveria ter regulado o Universo.

Gravíssimos inconvenientes teria o nos lembrarmos das nossas individualidades anteriores. Em certos casos, humilhar-nos-ia sobremaneira. Em outros nos exaltaria o orgulho, peando-nos, em consequência, o livre-arbítrio. Para nos melhorarmos, dá-nos Deus exatamente o que nos é necessário e basta: a voz da consciência e os pendores instintivos. Priva-nos do que nos prejudicaria. Acrescentemos que, se nos recordássemos dos nossos precedentes atos pessoais, igualmente nos recordaríamos dos outros homens, do que resultariam talvez os mais desastrosos efeitos para as relações sociais. Nem sempre podendo honrar-nos do nosso passado, melhor é que sobre ele um véu seja lançado. Isto concorda perfeitamente com a doutrina dos Espíritos acerca dos mundos superiores à Terra. Nesses mundos, onde só reina o bem, a reminiscência do passado nada tem de dolorosa. Tal a razão por que neles as criaturas se lembram da sua antecedente existência, como nos lembramos do que fizemos na véspera. Quanto à estada em mundos inferiores, não passa então, como já dissemos, de mau sonho.

395. Podemos ter algumas revelações a respeito de nossas vidas anteriores?

“Nem sempre. Contudo, muitos sabem o que foram e o que faziam. Se se lhes permitisse dizê-lo abertamente, extraordinárias revelações fariam sobre o passado.”

396. Algumas pessoas julgam ter vaga recordação de um passado desconhecido, que se lhes apresenta como a imagem fugitiva de um sonho, que em vão se tenta reter. Não há nisso simples ilusão?

“Algumas vezes, é uma impressão real; mas também, frequentemente, não passa de mera ilusão, contra a qual precisa o homem pôr-se em guarda, porquanto pode ser efeito de superexcitada imaginação.”

397. Nas existências corpóreas de natureza mais elevada do que a nossa, é mais clara a lembrança das anteriores?

“Sim, à medida que o corpo se torna menos material, com mais exatidão o homem se lembra do seu passado.

Esta lembrança, os que habitam os mundos de ordem superior a têm mais nítida.”

398. Sendo os pendores instintivos uma reminiscência do seu passado, dar-se-á que, pelo estudo desses pendores, seja possível ao homem conhecer as faltas que cometeu?

“Até certo ponto, assim é. Preciso se torna, porém, levar em conta a melhora que se possa ter operado no Espírito e as resoluções que ele haja tomado na erraticidade. Pode suceder que a existência atual seja muito melhor que a precedente.”

a) — Poderá também ser pior, isto é, poderá o Espírito cometer, numa existência, faltas que não praticou em a precedente?

“Depende do seu adiantamento. Se não souber triunfar das provas, possivelmente será arrastado a novas faltas, consequentes, então, da posição que escolheu. Mas, em geral, estas faltas denotam mais um estacionamento que uma retrogradação, porquanto o Espírito é suscetível de se adiantar ou de parar, nunca, porém, de retroceder.”

399. Sendo as vicissitudes da vida corporal expiação das faltas do passado e, ao mesmo tempo, provas com vistas ao futuro, seguir-se-á que da natureza de tais vicissitudes se possa deduzir de que gênero foi a existência anterior?

“Muito amiúde é isso possível, pois que cada um é punido naquilo por onde pecou. Entretanto, não há que tirar daí uma regra absoluta. As tendências instintivas constituem indício mais seguro,

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VII)

visto que as provas por que passa o Espírito o são, tanto pelo que respeita ao passado, quanto pelo que toca ao futuro.”

Chegado ao termo que a Providência lhe assinou à vida na erraticidade, o próprio Espírito escolhe as provas a que deseja submeter-se para apressar o seu adiantamento, isto é, escolhe meios de adiantar-se e tais provas estão sempre em relação com as faltas que lhe cumpre expiar. Se delas triunfa, eleva-se; se sucumbe, tem que recomeçar.

O Espírito goza sempre do livre-arbítrio. Em virtude dessa liberdade é que escolhe, quando desencarnado, as provas da vida corporal e que, quando encarnado, decide fazer ou não uma coisa e procede à escolha entre o bem e o mal. Negar ao homem o livre-arbítrio fora reduzi-lo à condição de máquina.

Mergulhado na vida corpórea, perde o Espírito, momentaneamente, a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as cobrisse. Todavia, conserva algumas vezes vaga consciência dessas vidas, que, mesmo em certas circunstâncias, lhe podem ser reveladas. Esta revelação, porém, só os Espíritos superiores espontaneamente lha fazem, com um fim útil, nunca para satisfazer a vã curiosidade.

As existências futuras, essas em nenhum caso podem ser reveladas, pela razão de que dependem do modo por que o Espírito se sairá da existência atual e da escolha que ulteriormente faça.

O esquecimento das faltas praticadas não constitui obstáculo à melhoria do Espírito, porquanto, se é certo que este não se lembra delas com precisão, não menos certo é que a circunstância de as ter conhecido na erraticidade e de haver desejado repará-las o guia por intuição e lhe dá a idéia de resistir ao mal, idéia que é a voz da consciência, tendo a secundá-la os Espíritos superiores que o assistem, se atende às boas inspirações que lhe dão.

O homem não conhece os atos que praticou em suas existências pretéritas, mas pode sempre saber qual o gênero das faltas de que se tornou culpado e qual o cunho predominante do seu caráter. Bastará então julgar do que foi, não pelo que é, sim, pelas suas tendências.

As vicissitudes da vida corpórea constituem expiação das faltas do passado e, simultaneamente, provas com relação ao futuro. Depuram-nos e elevam-nos, se as suportamos resignados e sem murmurar.

A natureza dessas vicissitudes e das provas que sofremos também nos podem esclarecer acerca do que fomos e do que fizemos, do mesmo modo que neste mundo julgamos dos atos de um culpado pelo castigo que lhe inflige a lei. Assim, o orgulhoso será castigado no seu orgulho, mediante a humilhação de uma existência subalterna; o mau rico, o avaro, pela miséria; o que foi cruel para os outros, pelas crueldades que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado, etc.

Crônicas e Artigos

48 – 23/03/2008

O Consolador – (Gerson Simões Monteiro)

VIII. Esquecimento do Passado

Por que esquecemos o passado

Muitas pessoas fazem a seguinte pergunta: “Se existe reencarnação, por que não recordo do que fui e do que fiz nas vidas passadas?”.

A resposta é simples: Deus concede-nos o esquecimento do que fomos ou do que fizemos nas vidas anteriores, porque é o melhor para nós. Você já pensou se aquele mendigo com as pernas atrofiadas arrastando-se pelas ruas recordasse da sua vida anterior como rico fazendeiro que castigava seus escravos, aleijando muitos deles?

Pelo visto, Deus sabe o que faz ao nos conceder a bênção do esquecimento temporariamente enquanto estamos encarnados neste mundo. Isto porque o Espírito, ao deixar o corpo pela morte, volta a ter lembrança de suas existências passadas. Mesmo ainda encarnado, o Espírito desprendido do corpo tem consciência dos atos praticados nas suas vidas anteriores e fica sabendo por que sofre e que sofre por merecer.

Certa jovem que conheci ao ficar cega aos vinte anos de idade foi tomada de muita revolta contra Deus, pois estava noiva e prestes a se casar.

Ao dormir, dois dias depois de perder a visão, ela se vê em sonho como um soldado montando cavalo, comandando outros militares. Nisso, ela manda os prisioneiros se aproximarem, e com a espada cega todos eles.

Essa é a razão do esquecimento do passado ser a melhor terapia de Deus em favor do nosso equilíbrio espiritual, no dizer do poeta Cornélio Pires pela mediunidade de Chico Xavier:

“Curando-nos o passado
Delituoso e violento,
Deus nos cede a terapia
Do amor e do esquecimento”.

A nossa existência apresenta sempre as provas e tarefas que são a recapitulação do nosso passado, como diz ainda Cornélio Pires, por Chico Xavier:

“Caso esquisito!. Um guerreiro
Da antiguidade esquecida
É hoje um cirurgião
Que ampara e reforma a vida”.

Como Deus não manda ninguém para o inferno, que, aliás, nunca existiu, porque Ele deseja que através das reencarnações todos os seus filhos, um dia, sejam perfeitos, permitiu ao guerreiro de outrora – que mutilou e tirou a vida de muitas criaturas – encarnar de novo na Terra com o devido esquecimento do seu passado criminoso e reparar seus erros passados, exercendo a missão de cirurgião plástico, restaurando corpos por meio de delicadas cirurgias reparadoras.